

OLHAR ALÉM

Com as comunidades
vizinhas, construímos o
futuro com compromisso
social e ambiental

Sintonia

ANGLOGOLD ASHANTI

Ano 03 | N° 10 | Junho - Julho - Agosto / 2018

Como será o amanhã?

O que você gostaria de ver caso estivesse frente a frente com o seu futuro? Onde estaria e em quais condições? Saudável, vivendo em harmonia com as pessoas da sua estima? E o mundo à sua volta, a comunidade da qual faz parte, em qual ambiente gostaria de viver?

Provocadoras, essas reflexões nos lembram da nossa responsabilidade com o presente. Sabemos que, sim, nossas escolhas são determinantes para o cenário que queremos estabelecer lá na frente, no amanhã. É com essa visão que gerimos nossa empresa. Foi trabalhando para transformar o agora que garantimos a perenidade do negócio e chegamos até aqui, aos 184 anos, tornando-nos a indústria mais longeva do Brasil.

Para enfrentarmos as transformações políticas, econômicas e tecnológicas desses quase dois séculos, foi preciso adaptação e reinvenção. Hoje, alcançamos um patamar de desenvolvimento que tem a sustentabilidade como atividade-fim. Esse direcionamento, inclusive, está registrado em nosso Mapa de Excelência Operacional, uma das principais vias para sermos uma empresa de classe mundial, segura e rentável em qualquer cenário.

Na edição anterior da revista **Sintonia**, abordamos a sustentabilidade econômica. As próximas páginas apresentam os aspectos social e ambiental do tema. Destacamos uma série de iniciativas que comprovam nosso compromisso com o meio ambiente e a transformação das comunidades onde atuamos.

São ações que passam pelo fomento a negócios sociais sustentáveis, geração de emprego e renda, resgate histórico e preservação da identidade cultural, além de investimentos em tecnologias que colaborem com a redução do impacto ambiental e com a conservação dos recursos naturais.

Esperamos que você identifique, em cada uma dessas iniciativas, uma aposta – consciente e planejada – em um futuro promissor e o mais próximo possível das nossas expectativas individuais e coletivas.

Boa leitura!

Diretoria Executiva AngloGold Ashanti Brasil

Camilo de Lelis Farace (country manager AngloGold Ashanti Brasil); Diogo Costa (gerente-geral de Serra Grande); Ewerton Trindade (gerente-geral de Serviços e Suporte); José Margalith (gerente-geral de Sustentabilidade); José Roberto Vago (gerente-geral de Projetos e Processos Industriais); Renato de Castro (gerente-geral de Córrego do Sítio); Ricardo Assis (gerente-geral de Cuiabá-Lamego)

“UM ROCK QUE NÃO É rock”

PARA ALCEU VALENÇA, UM DOS PRINCIPAIS EXPOENTES DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, A DIVERSIDADE CULTURAL DO NOSSO PAÍS É UM INSTRUMENTO COM GRANDE POTENCIAL DE INCLUSÃO

Foi assim, como o título desta entrevista, que, certa vez, um jornalista tentou enquadrar a música de Alceu Valença. O episódio é lembrado pelo artista para reforçar sua regionalidade. “Claro que não é rock. É forró, é xote, é coco, é frevo, é embolada. É uma questão de timbre e intensidade, mas a essência vem do Brasil profundo”, faz questão de frisar.

Figurando entre os nomes mais respeitados da nossa música, Alceu é desses que não negam as origens. Nascido em São Bento do Una, em Pernambuco, seu cancionário é assumidamente marcado pela vivência das manifestações populares do agreste e do sertão pernambucanos, com suas bandas de pífano, seus cegos cantadores de feiras, emboladores, violeiros e cordelistas.

De espectador e aprendiz a artista celebrado nas praças e palcos do país e do mundo, sua trajetória e obra com-

provam o papel da arte e da cultura na formação de cidadãos conscientes, capazes de pensar e se posicionar criticamente. Esse papel, ele desempenha com maestria há mais de 40 anos, sempre se reinventando.

Em 2012, deu mais um passo para a valorização das tradições por meio da cultura. Uniu as músicas erudita e popular no espetáculo *Valencianas*, concebido com a Orquestra Ouro Preto, que, em 2018, tem patrocínio da AngloGold Ashanti por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Nova Lima assistiu à apresentação no primeiro semestre, reunindo cerca de 10 mil pessoas. Santa Bárbara receberá o concerto no segundo semestre.

Nesta entrevista exclusiva à Sintonia, ele nos conta alguns capítulos de sua história na música brasileira e revela como a arte e a cultura podem transformar toda uma geração.



Como a diversidade cultural do Nordeste influenciou sua arte?

Desde menino, vivenciava as manifestações populares do agreste e do sertão, onde havia as bandas de pífano, os cegos cantadores de feira, os emboladores, os violeiros, os cordelistas. Quando minha família mudou para Recife, passei a ter contato direto com o frevo e com os blocos de maracatu.

Na Faculdade de Direito, onde estudei, havia uma rivalidade entre os fãs do Tropicalismo e os de Chico Buarque. Mas ninguém naquela época, em Recife, queria saber de embolada, nem coco, nem aboio. Eram considerados gêneros musicais ultrapassados. E são os gêneros essenciais na minha formação e que, inevitavelmente, pontuam quase toda a minha obra.

Com seu repertório regional, você se tornou um ícone da cultura brasileira contemporânea. Sua carreira soma vários prêmios e uma mistura de conhecimento e ativismo. Seu canto é um protesto?

Fui selecionado para fazer um curso na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Era a época da chegada do homem à lua e de Woodstock (importante festival de rock realizado no fim da década de 1960). Eu pegava meu violão e ia para a praça cantar minhas emboladas. Os *hippies* adoravam, dançavam à minha volta. Um jornal local veio me entrevistar e me perguntou que tipo de música eu fazia. Respondi que fazia música de protesto contra a ditadura militar no meu país. No dia seguinte, estamparam na primeira página: "Alceu Valença, o Bob Dylan brasileiro". E eu mal sabia quem era Bob Dylan (risos). Mas foi aí que eu percebi que podia viver de música.

Como nasceu o espetáculo *Valencianas*? É a primeira vez que suas canções são adaptadas para concerto?

Foi uma ideia do meu compadre Paulo Rogério Lage. Ele me apresentou ao maestro Rodrigo Toffolo e ao arranjador Mateus Freire durante um festival de inverno em Ouro Preto. Um tempo depois, eles foram a Olinda me mostrar os arranjos, as canções que haviam escolhido. Entre elas, estavam músicas menos executadas, como "Íris" e "Junho", que tiveram seu lirismo ressaltado. Eu sugeri "Ladeiras", pela conexão natural entre Ouro Preto e Olinda. Fiquei muito impressionado com a qualidade do trabalho. Gravamos o DVD no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, e, desde então, *Valencianas* se tornou um ícone.

Simbolicamente, o que aproxima as ladeiras de Olinda e de Ouro Preto?

Em ambas existe uma herança do período colonial preservada para além das semelhanças geográficas. Há um componente de indignação política em comum também. Enquanto Ouro Preto foi palco da Inconfidência, em Olin-

da foi dado o primeiro grito de República, por Bernardo Vieira de Melo, um século antes da independência do Brasil. Minas Gerais possui uma identificação forte com algo da vida do agreste. Aquela conversa em torno da lareira ou do fogão, uma certa dignidade que nós, que somos do interior, trazemos. Sem contar que parte do Norte de Minas integrava a capitania de Pernambuco, dilacerada pelo Império em represália aos tantos movimentos revolucionários ocorridos por lá.

“O sertão é dentro da gente”, disse Guimarães Rosa. Em suas andanças, você encontrou um mundo de possibilidades, se reinventou e sempre voltou às origens. Qual a importância dessa conexão com a essência?

Em primeiro lugar, eu sou de São Bento do Una. Depois, agrestino, pernambucano, nordestino, brasileiro, latino-americano. A cultura brasileira precisa redescobrir sua identidade. No caso da música, mudamos até nossa embocadura. Sempre achei que um artista não deve se fixar em ídolos para não correr o risco de virar carne de segunda. Eu nunca vou cantar um rock como o Mick Jagger, mas também ele jamais cantará um frevo ou um forró como eu. Cada um na sua. Eu sou quem eu sou, e o boi não lambe (risos).

Em sociedades como a nossa, carente de educação, esporte, cultura e oportunidade, sua história de vida torna-se inspiradora. Como resgatar a esperança, perceber outros caminhos e gerar transformação social?

Pertenço a uma geração que viveu sob a censura. Como autor, tive de submeter diversas vezes os versos de minhas músicas aos censores. Hoje vivemos outro tempo, as pessoas estão todas conectadas, há um espaço teoricamente maior para o debate. A arte e a cultura são instrumentos com grande potencial de inclusão. E a questão da identidade está diretamente ligada ao exercício da cidadania.

Ampliar o acesso à arte e à cultura, por meio de eventos públicos gratuitos, é um dos passos para a transformação social. Qual a contribuição da cultura regional nesse processo?

Toda arte verdadeira é transformadora. Costumo dizer que, mesmo não sendo um tradicionalista, gosto de seguir algumas tradições. No Carnaval, por exemplo, meus shows são inteiramente dedicados ao frevo, ao maracatu e demais gêneros que consagraram a folia de Pernambuco. Não vou tocar blues ou baião no Carnaval de Olinda. São elementos que podem ser considerados regionais, mas que, na verdade, também são universais.

ESCREVENDO UMA NOVA *história*

EMPREENDIMENTOS SOCIAIS APOIADOS PELO
PROGRAMA PARCERIAS SUSTENTÁVEIS TRANSFORMAM VIDAS



Projeto Da Terra, de Crixás, investiu na compra de equipamentos e aumentou a produção de mandioca



Quando criança, Maria dos Anjos Silva Tavares, nascida em Goiás, foi morar em Tocantins com a família, onde começou a trabalhar na lavoura. Foi assim que ela aprendeu a plantar, colher e processar a mandioca e a transformá-la em farinha e polvilho. Cerca de 20 anos depois, ela retornou ao estado natal com o marido Waldomiro, com quem vive atualmente no Assentamento Doze de Outubro, na zona rural de Crixás.

Lá, junto a outras 10 famílias, o casal garante seu sustento com a plantação de mandioca. “Fiz isso a minha vida toda, já sou acostumada e estou adorando fazer de novo. Eu gosto muito de trabalhar assim, principalmente com a farinha”, conta Maria. Enquanto faz a previsão da próxima colheita, marcada para julho, ela destaca também o caráter coletivo da lavoura: as famílias se dividem em pequenos grupos para alternar as tarefas envolvidas, desde apanhar a mandioca, prepará-la e vendê-la. Na última safra, elas venderam cerca de 800 quilos de mandioca *in natura* e 1 tonelada de farinha de mandioca.

Parte desses resultados veio há pouco mais de um ano, quando teve início o projeto Da Terra, que passou a receber consultoria técnica e apoio financeiro do programa Parcerias Sustentáveis, iniciativa da nossa empresa. Um dos desafios para desenvolver a plantação era a falta de água. Com o apoio recebido, a associação comunitária encontrou uma alternativa: a construção de um poço artesiano. Dessa forma, os produtores garantiram o recurso necessário para o processamento da mandioca, independentemente do clima. Além disso, a ajuda financeira possibilitou a compra de equipamentos próprios para o beneficiamento da raiz. Hoje, 20 pessoas trabalham ativamente no projeto.

“Moro aqui há cinco anos e sempre plantamos a mandioca, mas não sabíamos muito bem o que fazer para profis-

sionalizar a nossa produção. Depois que surgiu o projeto, passamos a plantar mais e ter a participação de outras pessoas. Estamos mais organizados e conseguimos ter a estrutura necessária para trabalhar da melhor maneira”, destaca Maria. De acordo com ela, os equipamentos também possibilitam o aproveitamento total da mandioca e a redução considerável do desperdício.

VALORIZANDO QUEM É DA TERRA Nos últimos sete anos, o Parcerias Sustentáveis beneficiou 193 instituições. Os empreendimentos sociais estão presentes nas cidades de atuação da nossa empresa, em Minas Gerais e Goiás, oferecendo oportunidades de aprendizado que tornem as pessoas protagonistas do seu próprio desenvolvimento. Por meio de recursos próprios, foram investidos mais de R\$ 7 milhões, ao longo desse período, em iniciativas focadas em soluções sociais, culturais ou ambientais, capazes de gerar impactos positivos e duradouros nas comunidades.

O projeto Sumidouro Tocando Pífano tem contribuído para o alcance desse objetivo. Da comunidade de Sumidouro, subdistrito de Santa Bárbara, renascem os sons que marcam a memória de um povo. Há aproximadamente 40 anos, um grupo de pífano (flauta de bambu) entoava as tradições da região, valorizando a cultura local. Foi uma época muito importante para a comunidade, que se sentia representada. “O projeto surgiu do desejo de reviver um momento que foi passado de geração em geração e deixou muita saudade”, revela o musicólogo Daniel Magalhães, que há mais de 20 anos pesquisa sobre o instrumento.

Mas, para a comunidade de Sumidouro, o projeto vai muito além do resgate musical. Ele vem para fortalecer a identidade local. “Quando apresentamos a iniciativa para os moradores, eles ficaram muito animados. Sumi-

douro é uma localidade com uma veia artística muito forte, a música está presente na maioria das famílias. Tocar o pífano é entrar na história dessas pessoas, reviver memórias escondidas no tempo”, analisa a coordenadora do projeto, Neide Maria.

O Sumidouro Tocando Pífano foi aprovado na edição 2018 do Parcerias Sustentáveis, que contempla outros 18 empreendimentos sociais em Minas Gerais e três em Goiás. Além deles, temos outros seis projetos do ciclo 2017 que, neste ano, entraram na etapa de aceleração, fase em que recebem suporte específico para que se tornem negócios sociais com maior rapidez. Ao todo, mais de 1.500 pessoas são beneficiadas pelos 27 projetos, que são selecionados com a participação da comunidade. Além do aporte financeiro, que totaliza mais de R\$ 1 milhão em 2018, as iniciativas recebem consultorias e o acompanhamento de profissionais especializados, que buscam as melhores alternativas para que as instituições continuem a gerar benefícios futuros para toda a comunidade. “Já iniciamos todo o trabalho de pesquisa, com o auxílio do Daniel. O objetivo é construir registros, gerar um material audiovisual e também um livreto, no qual serão relatadas histórias dos mestres que já não estão mais entre nós e daqueles que mantêm viva esta tradição familiar”, explica a coordenadora.

O Sumidouro Tocando Pífano tinha como objetivo inicial beneficiar cerca de 20 pessoas, mas novas demandas foram surgindo, e esse número deve aumentar. A ideia também é inventariar o repertório tradicional em um sistema de partituras, permitindo a sua conservação para o futuro. Também serão oferecidas para a comunidade aulas de musicalização, oficinas de produção das flautas e instrumento de percussão, poesia em cordel e teatro.

“Nosso plano é resgatar a originalidade do pífano de Sumidouro, valorizar a cultura popular do território e contribuir para que todo esse trabalho se torne um negócio social sustentável, que possa gerar resultados financeiros para a própria comunidade e para a associação comunitária. Esperamos, ainda, que futuramente os instrumentos musicais feitos nas oficinas possam ser comercializados, fazendo dessa manifestação artística uma fonte de inspiração e renda para Sumidouro”, planeja Neide.

AMOR PELO CUIDAR Do trabalho dedicado e atencioso dos cuidadores do Abrigo Irmã Tereza de Jesus, em Sabará, surgiu o desejo de multiplicar esse exemplo. A instituição social, que faz parte da agremiação espírita Casa do Caminho, atua há mais de 40 anos como um lar de longa permanência para idosos com alto grau de dependência, que necessitam de assistência em atividades de autocuidado para a vida diária.

“Veio daí minha vontade de buscar despertar nas pessoas esse autocuidado e de desenvolver essa sensibilidade. Assim, nasceu a Escola do Cuidar, que é uma instituição para cuidadores de idosos, cujo foco principal é o autocuidado do cuidador”, explica a coordenadora do espaço, Cláudia Andrade.

O projeto foi contemplado pelo Parcerias Sustentáveis em 2017 e, neste ano, por apresentar mais condições de se tornar um negócio social, entrou na fase de aceleração. Ele, assim como outras cinco iniciativas, receberá uma consultoria diferenciada para seu desenvolvimento, além do

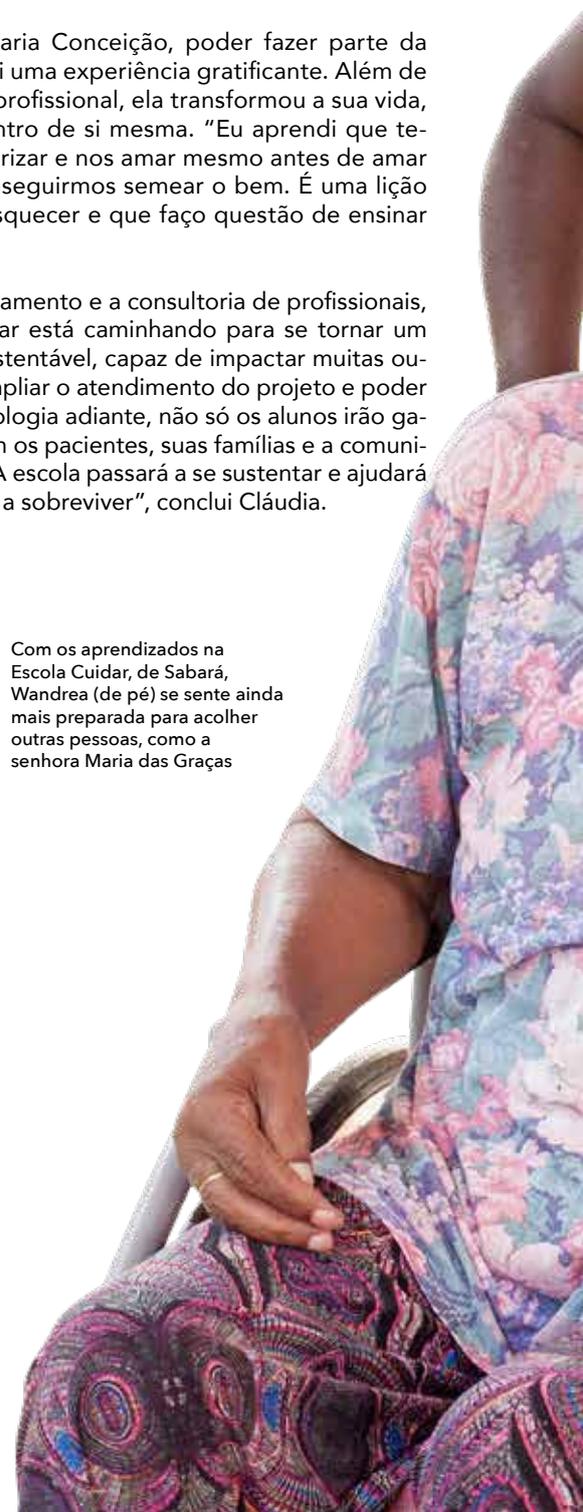
aporte financeiro. “Esse acompanhamento tem um valor muito alto para uma instituição como a nossa, já que nós não teríamos condições de pagar por essa formação. É algo muito sério, e os consultores são muito criteriosos e participativos, criamos com eles uma relação próxima. Ao mesmo tempo que temos um monitoramento eficiente e uma avaliação bacana, há um grande acolhimento”, acrescenta.

A Escola do Cuidar já formou 45 profissionais, que foram intitulados de “pioneiros”, visto que participaram das turmas-piloto, conheceram a metodologia e aprenderam na prática, por meio de estágios voluntários no próprio abrigo. Hoje a escola, além de oferecer aulas para cuidadores, promove oficinas de reciclagem para quem já é cuidador e deseja ampliar o conhecimento. O plano agora é levar essa formação para além dos seus muros, promovendo *workshops* de autocuidado e consultorias para instituições de saúde e grupos de apoio da região.

Para Wandrea Maria Conceição, poder fazer parte da primeira turma foi uma experiência gratificante. Além de seu crescimento profissional, ela transformou a sua vida, olhando para dentro de si mesma. “Eu aprendi que temos que nos valorizar e nos amar mesmo antes de amar o outro, para conseguirmos semear o bem. É uma lição que nunca vou esquecer e que faço questão de ensinar aos meus filhos.”

Com o acompanhamento e a consultoria de profissionais, a Escola do Cuidar está caminhando para se tornar um negócio social sustentável, capaz de impactar muitas outras vidas. “Ao ampliar o atendimento do projeto e poder levar essa metodologia adiante, não só os alunos irão ganhar, mas também os pacientes, suas famílias e a comunidade de Sabará. A escola passará a se sustentar e ajudará o abrigo também a sobreviver”, conclui Cláudia.

Com os aprendizados na Escola Cuidar, de Sabará, Wandrea (de pé) se sente ainda mais preparada para acolher outras pessoas, como a senhora Maria das Graças





Ronaldo Guimarães

Atuação social

A AngloGold Ashanti apoia a transformação social e cultural nas cidades vizinhas às suas operações. Confira alguns dos investimentos realizados neste ano e em 2017:

PARCERIAS SUSTENTÁVEIS 2018

Mais de

R\$ 1 milhão
investido

1.400
pessoas beneficiadas

INVESTIMENTO SOCIAL NO BRASIL EM 2017

Mais de

R\$ 4,9 milhões
no total, sendo

R\$ 1,8 milhão
em recursos próprios

R\$ 3,1 milhões
via Leis de Incentivo

Eficiência AMBIENTAL

BUSCAMOS INOVAR EM NOSSOS
PROCESSOS OPERACIONAIS PARA
REDUZIR O CONSUMO DOS RECURSOS
NATURAIS E GARANTIR O RESPEITO
AO MEIO AMBIENTE

Romerson Cleiton Ferreira está celebrando 20 anos de casa. Desde que entrou pela primeira vez na AngloGold Ashanti, o atual técnico de Meio Ambiente de Cuiabá-Lamego presenciou muitas mudanças: viu a empresa crescer e celebrou importantes conquistas profissionais. Parte dessa trajetória se deve a um professor em especial: o seu pai, o ex-empregado Geraldo Ferreira, que, antes de se aposentar, revelou para o filho todos os segredos da atividade. “Meu pai, assim como eu, trabalhava na área de reflorestamento ambiental. Ele não era estudado, mas tinha o conhecimento prático, do homem do campo, que pôde passar para mim”, conta.

De lá para cá, Romerson aliou o conhecimento de família ao científico e, por meio do Mão Dupla – programa de apoio ao aprimoramento profissional dos empregados -, conseguiu se formar no curso superior de Engenharia de Agrimensura. “Hoje em dia, passo pelas áreas de reflorestamento da antiga Mina de Morro do Galo e vejo as árvores gigantes que plantei junto com o meu pai”, recorda.

Composta por pessoas como Romerson, a equipe de Meio Ambiente apoia a operação da empresa, indo além do cumprimento das exigências legais da área e visando ao desenvolvimento sustentável. Para isso, são promovidas diversas iniciativas ambientais focadas, entre outros pon-



tos, na otimização do consumo dos recursos naturais, no gerenciamento e monitoramento de resíduos, vibrações e ruídos e na educação ambiental dos nossos empregados e das comunidades onde atuamos.

Uma dessas iniciativas é o processo de reflorestamento, realizado em todas as unidades operacionais. Isso porque as áreas de atividades minerárias que passaram por supressão vegetal devem ser compensadas com, no mínimo, o dobro da área de intervenção, em regiões próximas à empresa. Além disso, todas as estruturas que chegam a seu estágio final de vida útil, como pilha de estéril e barragens, são reabilitadas. Esse processo é extremamente importante para o nosso negócio e faz parte da nossa responsabilidade socioambiental em mitigar e compensar seus impactos, gerando ganhos à flora e à fauna local.

O reflorestamento se inicia com a preparação do solo, por meio de sua correção e da implantação de drenagens. Em seguida, ocorre a colocação de insumos químicos e orgânicos e a introdução de gramíneas e leguminosas. Por último, o plantio. Trabalhamos com as espécies nativas da região, mudas escolhidas por meio de estudos técnicos do bioma e priorização daquelas que estão em extinção.

Romerson orgulha-se dos ensinamentos que recebeu de seu pai sobre o meio ambiente

NA PONTA DO LÁPIS Nos últimos anos, a extensão de área recuperada aumentou exponencialmente. O principal motivo são as implantações e expansões de estruturas para a continuidade das operações, como o alteamento de barragens, cavas a céu aberto e pilhas de estéril. Para se ter uma ideia, somente em Cuiabá-Lamego o número de mudas nativas plantadas saltou de 3.496 unidades, em 2016, para 20.640 em 2017, o equivalente a cerca de 17 hectares. Já Córrego do Sítio fechou o último ano com mais de 22 hectares de plantio, e estima chegar aos 45 hectares no fim de 2018. Serra Grande contabiliza, no total, 4.400 mudas plantadas somente no último ano.

Para atender ao aumento de demanda, investimos continuamente na melhoria do processo de gestão de reflorestamento, além de promover novas iniciativas. Um exemplo é o projeto Saber, iniciado em 2017 e que envolve os empregados operacionais da área de Meio Ambiente de Cuiabá-Lamego. O objetivo é promover ações que otimizem a gestão de efluentes, água, resíduos e vegetação. No caso específico da vegetação, para atender à demanda por mais áreas reflorestadas, foram doadas três mil mudas para o Parque Chácara do Lessa, localizado em Sabará.

A RECUPERAÇÃO DAS ÁGUAS Outra importante iniciativa ambiental é o processo de otimização do uso da água. Somente em 2017, as nossas operações consumiram 9,4 milhões de m³ de água, o que representou um aumento de 23% diante de um crescimento de 8% na produção.

Mas é aí que entra um dado interessante, fornecido pelo hidrogeólogo da nossa empresa, Vinicius Cordeiro. "A recirculação dos recursos hídricos aumentou 4%, em média. Com isso, do total consumido, 68% se originaram do processo de recirculação, ou seja, utilizou-se a mesma água para atender cada unidade", contabiliza. Dentre as atividades que utilizam água recirculada estão umidificação de vias, perfuração, sondagem e processos metalúrgicos.

Sabendo da importância desse recurso para as nossas vidas, não temos medido esforços para encontrar outras soluções que reduzam o seu consumo. Uma delas é o incremento da capacidade de armazenamento de água nas áreas onde ela é mais utilizada. Um exemplo nes-

No balanço das águas

A AngloGold Ashanti está realizando o detalhamento dos balanços hídricos de todas as unidades da empresa no Brasil com base no Water Account Framework (WAF) da Minerals Council of Australia (MCA) – conceituada metodologia de medição do uso da água desenvolvida pelo Conselho Minerário da Austrália, do qual a nossa empresa faz parte. O objetivo é padronizar e identificar melhorias no processo de monitoramento e reporte das informações, equalizando as operações no país com as demais no mundo, bem como com outras empresas do setor mineral.

Neste novo formato, os balanços hídricos serão mais informativos, mais práticos e rápidos de serem atualizados e se configurarão como uma ferramenta real de gestão para cada unidade. A previsão para entrega de todos os balanços é novembro de 2018.

se sentido foi a construção, no início do ano, em Serra Grande, de um tanque de 5 mil m³ com o objetivo de armazenar água recirculada. Já em Cuiabá, estão em construção três bacias para armazenar água recirculada dentro da mina subterrânea. “Essas iniciativas ajudarão a conservar a água dentro do processo e aumentarão a sua recirculação”, destaca Vinícius.

ECONOMIA COM OS RESÍDUOS Córrego do Sítio é um exemplo de sucesso quando o assunto é gestão de resíduos, outra importante iniciativa ambiental. Graças a algumas mudanças implantadas nos processos operacionais, a unidade diminuiu o impacto para o meio ambiente, além de ter conquistado uma redução de custos de cerca de R\$ 300 mil por ano.

Tudo começou com um levantamento feito em 2013 para entender onde estavam as oportunidades de melhoria nos aspectos ambientais e financeiros relacionados à gestão dos resíduos. “Descobrimos, por exemplo, que as bombonas, espécies de galões que armazenam insumos para a mineração, em vez de serem descartadas,

poderiam ser direcionadas para empresas que fazem o tratamento do material e as encaminham novamente ao mercado. Com esse reaproveitamento, evita-se retirar do meio ambiente mais matéria-prima para a produção de novas bombonas. Além disso, é um material que deixa de ser enviado para a destinação final”, esclarece Fábio Martins, técnico de Meio Ambiente.

Outro item muito usado na operação, para saneamento da água, é o tubo PEAD, que, após o uso, era descartado. Agora, ele é doado e retorna para a cadeia produtiva. “Direcionamos o material para uma empresa que faz seu tratamento e separação, de acordo com o estado de cada tubo, e o encaminha para outro fornecedor, responsável por reaproveitá-lo. É mais uma iniciativa para reduzir a geração de resíduos na cadeia produtiva”, completa Fábio.

Ganhos financeiros também foram conquistados. “Identificamos o frete como o grande vilão dos custos no processo de gestão dos resíduos, pois gastávamos muito com transporte. A partir dessa constatação, fo-



ram contratados caminhões com caçambas maiores para transportar os resíduos com um número menor de viagens. A doação de materiais também nos faz economizar, já que não precisamos custear a logística.”

Uelbert das Neves Calda, auxiliar de produção na unidade há seis anos, não é apenas uma testemunha ocular dessa melhoria, mas também parte atuante da mudança. “É muito importante que as áreas gerenciem adequadamente o descarte de seus resíduos. Às vezes, recebemos um material que poderia ser doado misturado a outros que devem ser enviados para o tra-

tamento. Se cada um usar o recurso já com um olhar criterioso, conseguimos otimizar o processo e reduzir o impacto ambiental, além dos custos relacionados à atividade”, orienta.

VENTILAÇÃO NA MEDIDA CERTA A automatização é também um ótimo catalisador para tornar processos mais eficientes e ambientalmente corretos. O novo sistema de ventilação sob demanda, implantado no ano passado em Serra Grande, permite que os ventiladores da mina sejam ligados apenas quando necessário. “O funcionamento é quase automático. Além de ativar os



Se cada um usar o recurso já com um olhar criterioso, conseguimos otimizar o processo e reduzir o impacto ambiental”

Uelbert Calda, auxiliar de produção em Córrego do Sítio

Trabalho coletivo

Em 2017, foram retomadas as atividades da Comissão Interna de Racionalização de Energia (Cire), em todas as unidades do Brasil, para estudos a respeito do uso racional de energia. As ações, definidas durante reuniões mensais com representantes de todas as áreas, incluem conscientização e melhoria contínua de processos para a tomada de decisões. Em breve, será colocado em prática um dos projetos desenhados pela comissão para a substituição de todas as lâmpadas da mina subterrânea de Serra Grande, hoje fluorescentes, para o modelo de LED. A expectativa é de que essa troca gere a economia de R\$ 262 mil em cinco anos.

À frente da gestão de resíduos em Córrego do Sítio, Fábio (à esq.) implantou mudanças no processo que reduzem o impacto ambiental



equipamentos de forma inteligente, ele abre e fecha o *damper* ("portas" das galerias de ventilação) e direciona o ar para o local correto", explica Mário Alexandre Moraes, desenhista da Engenharia de Manutenção.

Entre os benefícios proporcionados pela novidade, destacamos o conforto térmico para a equipe e a eficiência energética. "Os ventiladores são alimentados por ar refrigerado e funcionam sempre que há gente na mina. Com a mudança, alguns ventiladores principais, que operavam com a carga em 100% do tempo, hoje desligam por cerca de 1h45 entre as trocas de turno, o que totaliza 3h30 de não funcionamento por dia. Isso representa, aproximadamente, 135 Kwh de economia mensais, o equivalente ao gasto de energia de 615 residências em um mês", detalha o supervisor de planejamento de ventilação, Jardel Castro Arantes. Também há ganhos para o meio ambiente. "Como os eletricitistas que fazem a manutenção dos equipamentos não precisam mais se deslocar até os poços de ventilação, que ficam a até 7 quilômetros de distância, para ligar e desligar os equipamentos, economizamos no gasto de combustível", completa.

MONITORAMENTOS AMBIENTAIS Para mitigar qualquer possível impacto ambiental que possa ser causado pelas atividades operacionais da nossa empresa, realizamos importantes medidas de controle ambiental, como o monitoramento constante de alguns indicadores. Esse processo é feito por meio de empresas especializadas e certificadas pelo Inmetro, com a utilização de equipamentos igualmente regularizados. Os resultados apresentados estão dentro dos parâmetros determinados pela legislação ambiental.

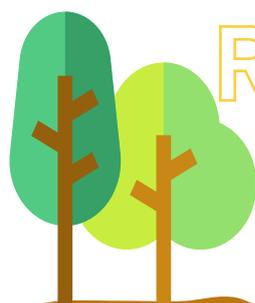
Atualmente, realizamos os seguintes monitoramentos:

- **Qualidade da água:** monitoramos os trechos dos rios onde captamos água para ser utilizada em nossos processos. Ela é verificada mediante a observação de algumas características, como nível de acidez do líquido, quantidade de sólidos suspensos, grau de condutividade de energia elétrica, entre outros indicadores.
- **Qualidade do ar:** monitora-se a emissão de gases e a concentração de partículas de poeira presentes no ar para garantir que a atmosfera da região não prejudique a saúde dos moradores.
- **Vibração:** as vibrações do solo podem ocorrer devido a detonações para atividades de mineração. Para fins de controle ambiental e de garantia do conforto humano, são feitos registros constantes para verificar vibrações geradas pelas detonações.
- **Ruído:** aqui, buscamos garantir que as atividades desenvolvidas não causem desconforto ao público interno e às comunidades próximas à operação.



Atuação ambiental

A AngloGold Ashanti mantém diversas iniciativas ambientais que buscam contribuir para uma atuação sustentável de seus negócios e a preservação do meio ambiente. Confira os principais resultados de 2017.



R\$ 4 milhões

investidos em
reabilitação ambiental em
Minas Gerais e Goiás

Mário (à esq.) e Jardel ressaltam que a automatização do sistema de ventilação gera ganhos ambientais e econômicos



Thamias Fotografias

50 mil

mudas, aproximadamente, plantadas para recuperação de áreas nos dois estados, o equivalente a 62,5 hectares revegetados



10,9 mil

hectares preservados no Brasil

MAIS UM
IMPORTANTE
passo

BUSCAMOS CONTINUAMENTE A MODERNIZAÇÃO DE
NOSSAS ESTRUTURAS, MANTENDO A SEGURANÇA
E O USO EFICIENTE DOS RECURSOS NATURAIS.
O EMPILHAMENTO A SECO É UM EXEMPLO



Fotos: Ronaldo Guimarães

Após muitas pesquisas e testes na prática, o conhecimento sobre as barragens vem se transformando. As estruturas com milhões de metros cúbicos de rejeitos e a necessidade de alteamento dão lugar a empilhamentos a seco, que demandam menos espaço e mantêm a mesma segurança e cuidados ambientais. No que depender da AngloGold Ashanti, nos próximos anos essa será uma realidade. A novidade resulta dos nossos esforços em buscar soluções inovadoras para os processos e cumprir os novos requisitos legais.

“Temos acompanhado as tendências do setor ao redor do mundo, e a eliminação das barragens convencionais se tornou uma busca comum às mineradoras que desejam manter o mesmo nível de segurança de suas estruturas, porém com métodos mais inovadores e indicados pela nova legislação”, afirma Márcio Mansur, especialista em engenharia e geotecnia da AngloGold Ashanti, que está à frente do projeto.

Outro destaque é o volume de água em recirculação no processo, uma vez que o recurso não será utilizado como agente de transporte para as barragens. Desse modo, as perdas que resultam da evaporação e infiltração serão reduzidas significativamente. Atualmente, a nossa equipe se dedica aos estudos de engenharia para a implantação e o início de operação do projeto. Paralelamente, estudos que subsidiarão a busca pelo licenciamento ambiental do novo método também estão sendo realizados.

A adequação pode ser feita em alguns modelos de barragens. A expectativa é que o novo sistema inicie a implantação em Cuiabá-Lamego em 2019 e, na sequência, uma das barragens de Córrego do Sítio também passe a utilizá-lo. “Em Cuiabá-Lamego, estimamos que 85% dos rejeitos gerados no processo poderão ser dispostos nesse novo método. Já em Córrego do Sítio, poderá acontecer com praticamente 100% dos rejeitos da Planta Metalúrgica de CDS II. A medida, ao longo dos anos de operação, ainda será capaz de reduzir custos”, projeta o especialista.

NADA SE PERDE, TUDO SE TRANSFORMA Outra novidade na nossa empresa é a utilização de rejeitos da mineração de ouro na construção civil. Os primeiros estudos para a aplicação do *over* – um dos subprodutos gerados durante o tratamento do minério, com granulometria suficiente para interagir com outros materiais – como insumo adicional ao concreto datam do início dos anos 2000. Conforme identificado nessas pesquisas, esse produto – batizado pela AngloGold Ashanti de Flotabase – pode substituir até 20% da areia necessária para a preparação do concreto convencional, além de funcionar como *filler*, utilizado para a formação do concreto autoadensável. Esse tipo de material tem seu adensamento realizado pelo próprio peso, sendo mais fácil a moldagem em formas. Desse modo, demanda um volume menor de água para ser preparado e dispensa a vibração na obra, eliminando o uso de energia elétrica, reduzindo a mão de obra e favorecendo a segurança e a qualidade.

Desde 2008, o Flotabase passou a ser utilizado na unidade Serra Grande, onde já foi aplicado integralmente na infra e nas superestruturas do projeto Carvão Ativado (2016) e da área de Segurança Patrimonial (2017), entre outras obras. Já em Minas Gerais, sua aplicação começou no ano passado. “O material, especialmente quando utilizado junto ao concreto autoadensável, gera um ganho expressivo do ponto de vista ambiental, uma vez que o rejeito vira insumo e deixa de se acumular na empresa. Uma economia financeira também é alcançada, já que é dispensada a compra de areia ou *filler* pelas empreiteiras que realizam nossas obras”, comenta Elânio Mauro Panta-leão, engenheiro civil da Gerência de Projetos.

Entre as aplicações do Flotabase em curso em Minas Gerais, o destaque é sua utilização para a construção da nova portaria do Centro de Educação Ambiental da AngloGold Ashanti, em Nova Lima (saiba mais sobre o CEA na página 19). Também está programado o uso do material no fechamento da tulipa da barragem de rejeitos de Córrego do Sítio II, em Santa Bárbara, previsto ainda para 2018. A tulipa – estrutura interna utilizada



A eliminação das barragens convencionais se tornou uma busca comum às mineradoras que desejam manter o mesmo nível de segurança de suas estruturas, porém com métodos mais inovadores e indicados pela nova legislação”

Márcio Mansur,

especialista em engenharia e geotecnia



As obras civis acompanhadas por Elânio utilizam concreto produzido a partir do reaproveitamento de rejeitos

para o escoamento de água quando a barragem alcança sua capacidade máxima – será substituída por um extravasor na superfície, considerado mais seguro, já que permite o controle visual da estrutura hidráulica. “Outro objetivo é criar cooperativas que possam utilizar o Flotabase para fabricar outros materiais, como tijolos e pisos”, vislumbra Elânio.

CULTURA DE PREVENÇÃO Em todas as nossas unidades, damos sequência à atualização de seus Planos de Atendimento a Emergência de Barragens de Mineração (PAEBM). Uma prioridade é a instalação de sistemas de comunicação em massa nas comunidades próximas às barragens da empresa, em conformidade com as novas diretrizes do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

A comunidade de Pompéu, em Sabará, foi a primeira a ter a instalação concluída. Por lá, desde 2017, sirenes dispostas em torres fixas podem ser acionadas remotamente por uma sala de controle localizada na unidade de Cuiabá-Lamego. Para assegurar o conhecimento do recurso pela população, bem como das rotas de fuga e

dos pontos de encontro criados pela AngloGold Ashanti, em parceria com a Defesa Civil municipal, foram realizados treinamentos e simulados, envolvendo, inclusive, escolas da região.

A diretora da Escola Municipal Professora Rosalina Alves Nogueira, Dulciléia dos Santos Pereira, garante que se sente mais segura após participar da atividade. “Repasamos as orientações de evacuação da escola e foi tudo muito calmo. Esperamos que isso não seja necessário, mas, caso aconteça uma situação real, estamos bem treinados”, afirma.

Em junho, os treinamentos e simulados começaram a ser realizados na comunidade de Santa Bárbara, vizinha à barragem de Córrego do Sítio. O processo de contratação e instalação das torres de comunicação que emitirão alerta sonoro em caso de emergência também já começou. A previsão é que o trabalho seja concluído no segundo semestre deste ano para barragem de CDS II e, para barragem de CDS I, no primeiro semestre de 2019. Até lá, um veículo equipado com sirene, comandos de voz e sinais luminosos está pronto para operar, se for o caso.



Resíduos doados por Roza para reciclagem são transformados em acessórios e peças de decoração

Espaço do conhecimento

O Centro de Educação Ambiental (CEA) da AngloGold Ashanti, em Nova Lima, completa 18 anos de existência neste ano e se mantém como uma referência na região. Da abertura até 2017, mais de 205 mil pessoas participaram das atividades realizadas no local.

São atividades com foco na conscientização e sensibilização sobre o meio ambiente, direcionadas aos empregados e suas famílias, às comunidades próximas às operações e às escolas da região. Por lá, por exemplo, não é raro ver os grupos de idosos que integram o programa Ponto de Encontro, iniciativa que estimula a adoção de hábitos mais sustentáveis por meio de atividades que aliam meio ambiente e qualidade de vida.

A dona de casa Roza de Jesus Soares Henrique, moradora do bairro Chácara dos Cristais, está entre os participantes. “Desde que fui convidada a integrar o grupo, participei de três reuniões que estão transformando minha relação com o meio ambiente”, comenta. Os conhecimentos a que teve acesso permitiram que sua família mudasse completamente o modo como lida com o lixo gerado no cotidiano. “Passamos a separar e doar todo o lixo que pode ser reciclado. Além disso, separo o óleo usado e faço o descarte em coletores específicos para evitar poluir a água. É uma medida simples que todos podem adotar”, revela.

Também são destaques o Trilha do Caxinguelê, que proporciona a alunos e professores do 5º ano das escolas de Nova Lima e Raposos a oportunidade de participar de uma trilha e conhecer as espécies da fauna e flora local, e o Expresso Caraça e o Expresso CEA, programas que promovem visitas dos empregados e familiares ao Santuário do Caraça, em Catas Altas, e à Mata Samuel de Paula, em Nova Lima, respectivamente.

Atualmente, o CEA encontra-se fechado para reformas de atualização da estrutura, mas, em breve, será reaberto. Empregados e comunidade serão informados sobre a reabertura pelos veículos de comunicação da empresa.



EVOLUINDO

AO CAPACITAR OS PEQUENOS NEGÓCIOS, CONTRIBUÍMOS
PARA A MAIOR COMPETITIVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA E O
DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES

Um ambiente organizado, com a disposição adequada das ferramentas e o descarte de materiais não utilizados. Para a gerente da M.A.E. Peças e Serviços, Viviani Thom Esperandio, essas medidas simples simbolizam o início de uma nova fase da empresa, especializada em veículos leves e pesados. Fundado em 2009, em Barão de Cocais, o centro automotivo é um dos “novatos” no programa Sustentabilidade na Cadeia Produtiva, iniciativa da AngloGold Ashanti, em Minas Gerais, que ajuda micros e pequenos negócios da nossa cadeia de fornecedores a ampliar o desempenho por meio da gestão sustentável.

“Muitas vezes, pensamos que gestão estruturada é algo complexo, coisa para grandes empresas, mas o programa tem nos mostrado que as menores também devem se preparar para o mercado”, comenta Viviani. Além de seu negócio, outras 20 empresas da Região Metropolitana de Belo Horizonte e de Santa Bárbara participam da iniciativa, uma parceria com o Serviço Social da Indústria (Sesi-MG). Durante 10 meses, os gestores são envolvidos em um plano de ação coletivo, com metodologia fundamentada em 32 temas, que incluem aspectos econômico, ambiental e social.



Fotos: Ronaldo Guimarães

Viviani (à esq.) e Ademir veem no Sustentabilidade na Cadeia Produtiva a oportunidade para otimizar a gestão de suas empresas

Para Viviani, já no diagnóstico inicial foi possível levantar as oportunidades de melhorias na gestão e definir metas, como aumento do faturamento, capacitação da equipe e fidelização e captação de novos clientes pessoa física, em uma tentativa de diversificar a base e diminuir a dependência das grandes empresas. “Nossa aderência ainda é recente, estamos ‘engatinhando’, mas já definimos aonde chegar, em quanto tempo e o que fazer para isso. O programa vai nos ajudar a estruturar melhor a empresa para acessar novos mercados e prestar um serviço com ainda mais qualidade”, comenta.

GANHOS QUE SE MULTIPLICAM Importantes para a economia brasileira, os micros e pequenos negócios respondem por mais de um quarto de toda a riqueza gerada no Brasil – cerca de 27% do Produto Interno Bruto (PIB), segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas

Empresas (Sebrae) – e são responsáveis por mais de 50% dos empregos formais no país. Para o gerente-geral de Serviços e Suporte da AngloGold Ashanti, Ewerton Trindade, apoiar os negócios desse segmento é, também, uma maneira de promover o desenvolvimento econômico e social dos municípios vizinhos às operações, um dos principais valores da nossa empresa.

“Claro que capacitá-los para atender as nossas demandas está entre os objetivos, mas o principal compromisso é ajudá-los a expandir os horizontes. Uma vez geridas com mais eficiência e de forma sustentável, essas empresas tornam-se aptas a buscar novos clientes e oferecer produtos e serviços de qualidade. Quanto mais preparadas, mais chances elas têm de permanecer no mercado, gerando emprego e renda, e isso é bom para todos”, explica.



Com os aprendizados no Programa de Desenvolvimento de Fornecedores, Wenio (à esq.) e Janio conquistaram novas parcerias comerciais

É o que acontece na MHS Soluções Industriais, localizada em Sabará, na região metropolitana de Belo Horizonte. Com uma equipe de 40 empregados e 16 anos de mercado, a empresa oferece material e mão de obra especializada em serviços elétricos – montagem de painéis e eletrocentros e adequação às normas regulamentadoras, entre outros.

Com dois anos de participação no Sustentabilidade na Cadeia Produtiva, conseguiu certificar-se na norma ISO 9001:2008, que abrange padrões internacionais de gestão da qualidade. A certificação é considerada um marco na história da empresa e vem rendendo novos clientes. “É reflexo direto da capacitação e motivo de orgulho para nós. Tivemos acesso a novas ferramentas e consultores com ampla experiência de mercado. Isso nos ajudou a melhorar o ambiente organizacional e a forma de gerir o negócio”, afirma o diretor administrativo da empresa, Ademir Bittencourt.

AMPLIANDO O MERCADO Desde 2014, Crixás recebe o Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF), iniciativa da nossa empresa para investir na evolução dos negócios próximos a Serra Grande e contribuir com o desenvolvimento das comunidades.

Coordenada pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL), um dos braços da Federação das Indústrias de Goiás (Fieg), já participaram da iniciativa 86 empresas de Crixás e região. Em 2017, o PDF passou a ser custeado exclusivamente pela AngloGold Ashanti, que concentrou as ações na cidade, onde, atualmente, acompanha 25 pequenos negócios: 18 novatos e sete veteranos.

É nesse time que está a WJ Prestadora de Serviços, dos irmãos Wenio e Janio Machado da Silva. Trabalhando com manutenção de equipamentos pesados e locação de caminhões e retroescavadeiras, entre outros maquinários, em 2014 os sócios viram no programa a oportunidade de melhorar o desempenho do negócio. “Naquele momento, a parte financeira e a gestão de pessoas causaram surpresa, pois precisavam ser melhoradas”, afirma Wenio.

Hoje mais estruturada, a empresa já colhe resultados positivos, como o aumento do faturamento e a aderência de novos clientes. “O nosso negócio foi fundado para prestar serviços para uma empresa específica, do ramo de sondagens. Com o passar do tempo, conseguimos abrir mais o leque, e a consultoria tem contribuído nesse sentido, para conseguirmos firmar novas parcerias”, comenta.



O caminho do crescimento

Cumprindo com o compromisso de gerar valor e desenvolvimento às comunidades vizinhas às nossas operações, em 2017, investimos em Minas Gerais e Goiás:

R\$ 348,7 milhões

para pagamento de impostos e taxas federais, estaduais e municipais

R\$ 622,1 milhões

em compras em Minas Gerais e

R\$ 99,3 milhões

em Goiás

91%

das compras da empresa são feitas no Brasil

Conhecer para entender

Um dos pontos de partida dos dois programas é a aplicação de diagnósticos individuais para identificar o nível gerencial das participantes. Em Minas Gerais, eles são usados na construção de um plano de ação coletivo, que contempla os 10 temas de sustentabilidade mais recorrentes e com potencial de contribuir com a perenidade e a competitividade dos negócios. Em Goiás, eles sustentam ações coletivas e individuais, entre elas, cursos de gestão - financeira, de pessoas e de estoques -, planejamento estratégico, rodadas de negócios e *workshops*.

VOCÊ
TRANSFORMA
O NOSSO FUTURO.

#Orgulho
de ser AGA

MARCO ANTONIO REI
LAMEGO

ANGLOGOLD ASHANTI

184 ANOS

ANGLOGOLDASHANTI